

Problemas socioambientais e pesca artesanal no Nordeste do Brasil

Luclécia Cristina Morais da Silva¹
Moisés Felix de Carvalho Neto²

¹Bióloga e Mestre em Antropologia (PPGA/UFPE). E-mail: lucrisms@gmail.com.

²Engenheiro Agrônomo e Mestrando em Produção Vegetal com ênfase em Agroecologia (PPGPV/UNIVASF). E-mail: moises.fcn@gmail.com.

RESUMO

A pesca de pequena escala no Brasil está concentrada nas regiões Norte e Nordeste (72,4% dos pescadores). O objetivo da pesquisa foi de compreender e comparar os problemas socioambientais de pescadores de pequena escala em seu contexto histórico em duas regiões do estado de Pernambuco, a primeira no litoral e a segunda na mesorregião do São Francisco. A pesquisa fez uso de diferentes fontes bibliográficas, entrevistas abertas e fontes documentais para analisar a vivência de comunidades ribeirinhas em distintas localidades do Nordeste do Brasil. Nas duas localidades aqui relatadas os pescadores estão sendo particularmente afetados por novos projetos de desenvolvimento econômico que se refletem principalmente na diminuição da quantidade de peixes e da prática pesqueira. Alguns pescadores têm se deslocado para outras áreas de pesca e houve também um aumento no número de pescadores que estão realizando simultaneamente outras atividades de renda adicional ou já migraram para outras atividades produtivas. Nas duas regiões de estudo, têm-se exemplos de comunidades tradicionais que tentam perpetuar sua cultura em meio a todas as rápidas mudanças que atingiram tais regiões. Esta pesquisa tenta chamar a atenção para a existência de vários agentes de transformação e mudanças na vida social dessas comunidades e quais as consequências essas transformações têm trazido.

Palavras-chave: Pesca artesanal; Territórios tradicionais; Conflitos socioambientais.

Socio-Environmental Problems and Artisan Fishing in Northeast Brazil

ABSTRACT

The small-scale fisheries in Brazil is concentrated in the North and Northeast (72.4% of fishermen). The aim of the research was to understand and compare the social and environmental problems of small-scale fishers in their historical context in two regions of the state of Pernambuco, the first on the coast and the second in the middle region of San Francisco. The research used different literature sources, open interviews and documentary sources to analyze the experiences of riverside communities in different areas of the Northeast of Brazil. The two locations, fishermen reported here are particularly affected by new economic development projects that are reflected mainly in reducing the quantity of fish and the fishing practice. Some fishermen have moved to other fishing areas and there was also an increase in the number of fishermen that are simultaneously performing other activities for additional income or have migrated to other productive activities. In both study areas, have examples of traditional communities who try to perpetuate their culture amid all the rapid changes that have reached

such regions. This research attempts to draw attention to the existence of several agents of transformation and changes in the social life of these communities and what consequences these changes have brought.

Keywords: Fishing-handmade, traditional territories, socio-environmental conflicts.

INTRODUÇÃO

A pesquisa relata mais especificadamente a pesca artesanal em duas diferentes comunidades pesqueiras: a primeira em Sirinhaém, que se localiza na área costeira da Zona da Mata Sul Pernambucana. A segunda nos municípios de Orocó e Cabrobó, na Mesorregião do São Francisco/PE, ambos afetados diretamente pelo Projeto da Transposição do São Francisco.

Esta pesquisa compara os impactos à atividade da pesca artesanal nestas duas regiões, litoral e sertão do São Francisco, bem como relata as dificuldades enfrentadas pelos pescadores dessas áreas para perpetuar a atividade pesqueira como prática produtiva e modo de vida.

Portanto, o objetivo da pesquisa foi compreender os problemas socioambientais enfrentados pelos pescadores artesanais e identificar os fenômenos que influenciam e contribuem para a migração da atividade pesqueira local ou a realização de atividades de complementação de renda. Tais mudanças são decorrentes da existência dos vários agentes de transformação e mudança social na vida social dos pescadores.

METODOLOGIA

Na pesquisa foi realizada uma revisão de bibliografia sobre as áreas de estudo e também incursões em campo. Foi priorizado o método qualitativo, pois segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), as concepções, crenças e valores das pessoas são revelados a partir de análises interpretativas. Os procedimentos utilizados visaram fazer uma comparação entre as comunidades pesqueiras e relatar os principais problemas vivenciados pelos pescadores dessas duas localidades.

Os autores trouxeram suas vivências sobre seus estudos com as comunidades pesqueiras, sendo o primeiro autor, através de suas pesquisas no litoral sul de Pernambuco e, o segundo autor, através de suas pesquisas na mesorregião do São Francisco.

O primeiro autor fez uma pesquisa etnográfica a partir de entrevistas abertas³ com os pescadores do litoral sul de PE durante todo o ano de 2013, em diferentes momentos. Além das entrevistas a alguns pescadores e suas lideranças, as coletas dos dados empíricos se deram através da participação nas reuniões da Colônia dos pescadores, visitas às reuniões de entidades não governamentais de apoio aos pescadores, participação em audiências públicas no Ministério Público Federal e na Câmara dos Vereadores da região, participação em eventos (seminários, congressos, etc.) junto aos pescadores artesanais e acompanhando a articulação destes na luta pelo território pesqueiro.

³Foram realizadas entrevistas com os pescadores artesanais de diversas modalidades de pesca através do método “snowball” (BERNARD, 2005).

O segundo autor fez uma revisão bibliográfica sobre a pesca artesanal na mesorregião do São Francisco e trouxe experiências de sua vivência diária a partir de sua participação em pesquisas etnográficas em duas comunidades quilombolas existentes nos municípios de Cabrobó e Orocó, realizadas no ano de 2013.

O LUGAR

As regiões em análise nessa pesquisa encontram-se no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil), sendo a primeira área de estudo no litoral sul (parte sul em verde) e a segunda na região do São Francisco (em vermelho):



Figura 1: Mapa de PE. Fonte: Adaptado de Diogo Alencar - <http://www.viaki.net/tenha-um-mapa-do-pernambuco/>

A área costeira da Zona da Mata Sul Pernambucana é composta por sete municípios: Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Sirinhaém, Rio Formoso, Tamandaré, Barreiros e São José da Coroa Grande. Esses municípios integram também as microrregiões Mata Meridional Pernambucana e de Suape, com uma população total de 348.824 habitantes (IBGE, 2010).

As entrevistas do primeiro autor com os pescadores artesanais se concentraram no município de Sirinhaém que se encontra a cerca de 80 km da cidade do Recife, com área municipal de 374,611 km², tem uma população de 40.296 habitantes, segundo dados do IBGE (Censo, 2010) e compõem-se de seu distrito sede Sirinhaém e dos distritos de Barra de Sirinhaém, Santo Amaro e Ibiratinga, e tem como principais atividades socioeconômicas a indústria sucroalcooleira e a pesca artesanal. No distrito de Barra de Sirinhaém há 13.810 habitantes de acordo com dados do IBGE (2010) e destes, grande parte são de pescadores artesanais, apesar dessa atividade tradicional não aparecer nos dados oficiais do IBGE, que apenas cita como principais atividades econômicas do município a agropecuária, a agroindústria, serviços e comércio.

No distrito de Barra de Sirinhaém há a foz do rio Sirinhaém, que com seus vários braços (rios Arrumador, Trapiche, Aquirá, além do próprio Sirinhaém), forma um amplo e complexo estuário onde se encontram algumas lagoas, numerosas ilhas e extenso manguezal com sua variada fauna (Diagnostico Socioambiental do Litoral Sul, CPRH, 1999). Nesse ambiente é possível encontrar pescadores diversos: de estuário (marisqueiras), de rio, de mar. Bem como de distintas modalidades de pesca – rede, linha, mergulho, etc – e onde os grupos de trabalho são formados pelo vínculo de parentesco e outros laços sociais e afetivos atuam em parceria (BEGOSSI, 1992; MALDONADO, 1986) e a produção é distribuída proporcionalmente à contribuição de cada um na pescaria. Bem como também encontramos pescadores que não possuem barco próprio e também não têm rede, espinhel ou outra contribuição, apenas a força de trabalho e nestes casos, geralmente, a produção é dividida em três partes, sendo duas do

dono do barco. Alguns donos de barco são apenas os atravessadores da produção, não praticantes da atividade pesqueira e a relação de trabalho estabelecida com estes é, em geral, informal onde os pescadores artesanais atuam como autônomos.

Em geral, é possível encontrar pescadores ou parentes de pescadores em quase todas as casas da praia de Barra de Sirinhaém e andando pelas ruas locais é comum ver mulheres e crianças fazendo beneficiamento de crustáceos em frente as suas casas, sendo estas pescadoras ou não. Na própria comunidade pesqueira há quase sempre alguma relação de parentesco entre eles. As crianças desde cedo aprendem o ofício dos pais – meninas aprendem a ir ao estuário extrair mariscos, crustáceos e os meninos aprendem a navegar no rio Sirinhaém.



Figura 2: Mulheres atuando na comercialização da fauna acompanhante da pesca do camarão.



Figura 3: Pescadores no porto de Barra de Sirinhaém. Fonte: primeiro autor.



Figura 4: Porto de Barra de Sirinhaém. Fonte: primeiro autor.

O estudo realizado pelo segundo autor se concentrou na Mesorregião do São Francisco que abrange as microrregiões de Petrolina e Itaparica. Os dados da pesquisa se concentraram sobre os municípios de Orocó e Cabrobó, ambos mais diretamente impactados pelo projeto de Transposição do Rio São Francisco.

Os municípios de Orocó e Cabrobó possuem respectivamente 13.180 hab. e 30.873 hab. segundo dados do IBGE (2010). O primeiro possuindo uma área territorial de 554,7 Km² e o segundo 1.623,1 Km².

O município de Orocó tem por base a agricultura como principal fonte de renda (com plantio de lavouras temporária e permanente), também predomina no município a indústria, o setor de serviços e a agropecuária (IBGE, 2010).

O município de Cabrobó tem por base a agricultura como principal fonte de renda, sendo responsável por 60% da produção de arroz em todo estado e por 17% da produção de cebolas. Além disso, há ainda o cultivo de feijão, banana, melancia, milho, manga e tomate, além da atividade pecuária, com destaque para a caprinocultura extensiva. Além da agricultura (com plantio de lavouras temporária e permanente), também predomina no município de Cabrobó a indústria e o setor de serviços (IBGE, 2010).

Os municípios de Orocó e Cabrobó fazem parte da Região Hidrográfica do Rio São Francisco, que de acordo com a Agência Nacional das Águas (ANA, 2012), compõe 06 estados: Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Goiás, além do Distrito Federal. Com 2.700 km, o Rio São Francisco nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e escoar no sentido Sul-Norte pela Bahia e Pernambuco, quando altera seu curso para o Sudeste, chegando ao Oceano Atlântico na divisa entre Alagoas e Sergipe. A região hidrográfica, por sua extensão e distintos ambientes, é dividida em quatro sub-regiões: Alto, Médio, Submédio e Baixo São Francisco.

A região onde se localizam os municípios de Orocó e Cabrobó faz parte do Polígono das Secas, que abrange boa parte do Nordeste (SOARES, 2012). Por conta de um clima caracterizado por uma irregular distribuição da precipitação, elevadas temperaturas mensais, altas taxas de evapotranspiração e déficit hídrico permanente, ambas as localidades possuem um ambiente susceptível ao processo de desertificação (Ministério do Meio Ambiente, 2007).

Existem nessas duas localidades muitas comunidades tradicionais ribeirinhas, quilombolas e indígenas que também dependem da atividade da pesca como prática produtiva - em Cabrobó existem atualmente quatro comunidades quilombolas (Cruz dos Riachos, Fazenda Bela Vista, Fazenda Santana e Jatobá) e uma comunidade indígena denominada Truká. Em Orocó há ainda a comunidade quilombola Águas do Velho Chico.

As entrevistas realizadas pelo segundo autor se concentraram em duas comunidades quilombolas: Cruz dos Riachos (localizada em Cabrobó) e Águas do Velho Chico (localizada em Orocó).

A comunidade Cruz dos Riachos localiza-se próximo ao rio São Francisco e é cortada por dois grandes riachos (riacho Grande e riacho Ouricuri) que desde 2010 estão completamente secos. Possui cerca de 150 famílias que sobrevivem, atualmente, basicamente da agricultura.

A comunidade Águas do Velho Chico localiza-se a margem do rio São Francisco e é formada por cinco povoados denominados: Umburana, Remanso, Caatinginha, Mata de São José e Vitorino. Possui cerca de 480 famílias que sobrevivem, atualmente, basicamente da agricultura.

ATIVIDADE PESQUEIRA E A CULTURA DA PESCA ARTESANAL

De acordo com VALENCIO (2010), a atividade pesqueira constitui-se em uma identidade territorializada, pois não se trata apenas de uma atividade produtiva, mas é também um modo de vida. É a partir dessa relação com o ambiente e de um profundo conhecimento sobre as espécies e seus ciclos biológicos que os pescadores artesanais constroem suas identidades (DIEGUES, 2001).

Ou seja, o trabalho na pesca não é uma realidade simplesmente econômica (GODELIER, 1981) é também uma cultura que se constrói na prática produtiva a partir de valores comunitários, costumes socialmente estabelecidos que integram um sentimento de corporação social que auxilia no trabalho coletivo “para melhor lidarem com as águas, na capacidade de compreender os tipos de ventos e os movimentos das marés, na habilidade de descobrir pesqueiros, na habilidade de ouvir e sentir as mudanças meteorológicas e náuticas” (RAMALHO, 2011).

A “modernidade trágica” tem, no entanto, originado a expropriação dos meios de vida dos pescadores artesanais e forçado à entrada destes no mercado de trabalho assalariado assim como ocorreu na formação do proletariado agrícola no Brasil (SILVA, 1999). Devido à constante poluição ambiental e à conseqüente diminuição dos estoques pesqueiros, muitas mudanças têm ocorrido e reformulado a maneira como os pescadores artesanais se relacionam com a prática produtiva, pois, atualmente é muito difícil viver apenas da pesca artesanal e cresce o número de pescadores que vêm realizando concomitantemente outras atividades de complementação de renda.

Há na atividade pesqueira tensões semelhantes às vivenciadas pelos camponeses que vivem no meio rural contemporâneo, pois, segundo MOURA (1988), o camponês se diferenciou internamente, tendo suas formas de produção e organização de vida redefinidas, mas permaneceu identificável como tal. Apesar de certa subordinação à engrenagem da reprodução do capital, têm surgido também as contradições inerentes a essa relação de forças, que têm originado processos de diferenciação social que buscam o reconhecimento de uma alteridade que ainda não está descaracterizada em sua essência (WANDERLEY, 2011). Segundo Diegues (1983), é o sentimento de corporação que possibilita que a cultura na pesca artesanal resista à proletarização, pois o “saber-fazer” pesqueiro vincula-se à ideia de liberdade e opõe-se ao controle do tempo e do espaço pela lógica capitalista de mercado.

Na atividade pesqueira existe uma intrínseca relação com o rio, mar e/ou estuário, além de um sentimento com o território que envolve valores sagrados e ampla

intimidade com o espaço de trabalho/vida, onde o mar-de-dentro e o mar-de-fora se constituem como lugares aquáticos e o trabalho pesqueiro reflete o desdobramento dessa territorialidade ao conferir-lhes pertencimento (MALDONADO, 1994).

Este pertencimento ao ambiente marinho-estuarino é o que tem permitido resistir à subsunção real ao capitalismo (GODELIER, 1981), pois, segundo MOURA (1988), apesar do processo de diferenciação social, internamente os pescadores permanecem identificáveis como tais. Para Ferreira (1995), apesar da força do capital, não há uma simples transformação proletarizada, pois, “seu mundo não se reduz ao vínculo empregatício, mas procuram e constroem espaços de adaptações entre as suas perspectivas e projetos e o mercado”, ou seja, “sua reprodução não se explica apenas pela subordinação ao capital, mas pela própria capacidade de resistência e adaptação” (WANDERLEY, 2011).

OS IMPACTOS AMBIENTAIS E AS NOVAS DINÂMICAS SOCIAIS

Os problemas oriundos dos impactos socioambientais decorrentes da poluição ambiental, da construção de barragens e dos empreendimentos industriais e turísticos afetam diretamente os pescadores artesanais e, por isso, muitos têm tentado obter alguma fonte extra de renda, em outras atividades e assim garantir sua segurança alimentar.

Na região do litoral sul de Pernambuco os pescadores têm sofrido com a poluição das usinas de cana-de-açúcar existentes, com as indústrias de carcinicultura⁴ e com os grandes empreendimentos turísticos que privatizam os espaços públicos e impedem o acesso ao mar e estuário.

As pescadoras de Sirinhaém também vivenciam grandes dificuldades em sobreviver dos poucos crustáceos e mariscos extraídos do mangue e muitas delas têm se deslocado para manguezais do litoral norte em busca de uma melhor produção e renda.

As pescadoras de Aratu no verão sai em três kombi daqui pra Recife, pra pescar aratu lá. Três kombi por semana, duas vezes por semana. Na segunda, na quarta, na quinta. Aqui tem, mas é muito pouco, muito miudinho. Eu mesmo já pesquei muito fora daqui, já pesquei em Itapissuma, em Itamaracá, em Maria Farinha, Conceição, Abreu e Lima, Rio Formoso, Alagoas, Atapuz, Paraíba, Pitimbu. Tanto sai daqui a turma pra pegar aratu como sai a turma pra pegar caranguejo em Alagoas (Marisqueira de Barra de Sirinhaém).

Se for pra eu tirar meu sustento do rio Sirinhaém, eu vou passar fome, então eu ando de bicicleta quase 5 km pra pescar no rio de Aver-O-Mar, aonde hoje temos também uma preocupação muito grande com os viveiros de camarão que tá acabando com os siris, com os sururus, mortalidade imensa. Era uma área rica, mas hoje os viveiros tão acabando com tudo. E os responsáveis não vê isso, só nós pescador é que estamos vendo isso, estamos vendo nossos manguezais pedindo socorro, porque a gente pescador escuta ele pedindo socorro e corremos atrás das autoridades e ninguém faz nada (Marisqueira de Barra de Sirinhaém).

⁴A carcinicultura, em Sirinhaém, ocupa uma área de 70 ha incluindo quatro fazendas, além do laboratório da Netuno Pescados e segundo SELVA et al. (2006) os impactos referentes às fazendas de camarão (despejo de produtos químicos no mangue, desmatamento, invasão da casa dos pescadores, mortandade de peixes) têm ocasionado muitos conflitos e muitos pescadores relatam que tais empreendimentos, construídos em propriedades privadas e contendo muros de proteção, têm restringido o acesso dos pescadores ao mangue e às suas áreas de pesca.

Os pescadores artesanais se utilizam de diferentes formas de configurar sua presença no espaço e no tempo atual (WOORTMANN, 1990). Há entre a comunidade pesqueira uma busca por estratégias de reprodução social, na qual mesmo que em alguns casos haja a inserção em outra atividade produtiva, têm existido também alternativas de apropriação do rio, mar e estuário a partir uma nova configuração.

Tal processo se dá pela busca de novos espaços pesqueiros, nas praias circunvizinhas ou mesmo em outros estados, como também a partir do exercício das atividades turísticas marinhas, e assim vão criando meios de continuar no ambiente haliêutico, ou seja, continuar a existir. Segundo Ramalho (2012):

[...] ser criativo, nesse sentido, é recriar-se no tempo, como pessoa, grupo sociocultural e/ou classe social. É apontar destinos e construir condições de sobrevivência. Trabalhar, portanto, é um eterno (re)elaborar, planejar, fazendo com que o inesperado – íntimo das causalidades sociais – torne-se, em alguma medida, o esperado, sendo sempre um salto, provocado pelo ato teleológico, em direção ao cognitivo e a chave das estratégias contidas na reprodução social.

No verão é grande o número de mulheres que adquirem renda extra através das diárias nas casas dos veranistas e de homens que realizam serviços diversos nas casas dos veranistas. Nos relatos foi possível perceber que antigamente era mais fácil sobreviver da pesca, mas hoje em dia, devido à diminuição dos pescados, geralmente persistem na pesca artesanal como única fonte de renda, aqueles que possuem certa estabilidade financeira como barco próprio, meios de fazer o beneficiamento do pescado e colocá-lo à venda. E aqueles pescadores que pela idade já avançada não conseguem um trabalho extra, enfatizaram a importância da esposa na complementação da renda. Essas mulheres trabalham diretamente na pesca estuarina e também no beneficiamento do pescado trazido pelos homens na pesca marítima.

Em depoimento de um morador de Barra de Sirinhaém e funcionário aposentado do IBAMA: “*meu trabalho era fazer o levantamento pesqueiro da área e na época haviam 245 embarcações em Barra de Sirinhaém*”. Hoje, segundo dados fornecidos pela colônia, há cerca de 120 embarcações. No entanto, existem cerca de seis a sete barcos parados no porto de Barra de Sirinhaém por falta de pescador. Muitos donos de barco ficam à espera de companhia para ir ao mar, pois muitos pescadores já deixaram de pescar para trabalhar nas indústrias circunvizinhas.

Em Sirinhaém não existe um incentivo por parte do município em explorar o turismo de baixo impacto, em pequena escala, ao invés disso tem existido incentivos para a instalação do turismo de grande escala, através da construção de grandes resorts que irão trazer muitos impactos ao ambiente e, no entanto, os benefícios para a comunidade local são incertos.

A principal preocupação dos pescadores com a construção dos *resorts* é em relação ao acesso ao manguezal, pois, por lei, a prefeitura tem a responsabilidade de abrir acessos para a praia a cada 250 metros, mas tal fato geralmente não ocorre e, esses megaempreendimentos também dificultam a permanência de pessoas na frente de suas

estruturas, bem como a própria imponência dessas construções constrange as pessoas de aproveitar esses espaços de praia “privados”. Há ainda o impacto do turismo náutico, que traz consigo a crescente construção de marinas junto ao porto onde antes os pescadores atracavam seus barcos.

A perpetuação da atividade pesqueira tem sofrido sério risco de sobrevivência, pois, além da escassez de pescadores e dos antigos impactos relacionados à produção de cana-de-açúcar⁵ e da carcinicultura, tem-se acelerado também os impactos dos empreendimentos turísticos que, longe de conseguirem promover o fortalecimento da capacidade local de gestão, têm apenas reproduzido a permanência da comunidade em posições subalternas de decisão sobre seu próprio destino.

Na Mesorregião do São Francisco os impactos dos empreendimentos na pesca artesanal tem sido predominantemente a partir da construção dos barramentos ao Rio São Francisco. Há historicamente inúmeros exemplos de problemas socioambientais a partir dos barramentos de Sobradinho, Itaparica e Paulo Afonso, que promoveram o deslocamento de inúmeras populações ribeirinhas do rio São Francisco.

Nas localidades de Cabrobó e Orocó a atividade da pesca tem sido inexpressiva, pois atualmente essas comunidades praticam predominantemente a agricultura em virtude da grande seca que atinge a região do sertão do São Francisco. O desmatamento da região também contribui para tornar os riachos circunvizinhos intermitentes e, assim as comunidades ribeirinhas apenas dependem das águas do rio São Francisco para realizar a atividade pesqueira.

Na comunidade quilombola de Cruz dos Riachos, em Cabrobó, a maioria dos homens exercia a atividade de pesca quando havia água nos riachos que passam pela comunidade.

Sempre a comunidade pescava nos açudes... tem o do riacho pequeno em Belém, aqui no poço grande e na barragem do estoque e na barragem de Curralinho também gostavam de ir quando tinha água (membro da comunidade Cruz dos Riachos, 2013).

Em quase todas as casas do quilombo há sempre uma tarrafa esperando pelo período das chuvas.

A pesca no riacho grande era uma fartura, mas agora não chove. Pescava de rede, de tarrafa. As coisas mudaram muito, a chuva diminuiu muito (membro da comunidade Cruz dos Riachos, 2013).

Atualmente apenas duas famílias de pescadores da comunidade continuam na atividade pesqueira. Estes hoje em dia praticam a atividade de pesca juntamente com a atividade agrícola. Eles são pescadores profissionais e constroem diferentes apetrechos de pesca (rede, tarrafa, etc.).

⁵A poluição das usinas, pelo vinhoto, atinge mais diretamente ao município de Sirinhaém, pois o rio do município recebe braços de rios de diferentes municípios, como por exemplo, de Ipojuca, Rio Formoso e Barreiros e por isso recebe uma carga elevada de efluentes (domésticos e industriais).

Nossos antepassados todos gostavam de pescar, vivia da pesca só que a agricultura foi tendo um valorzinho, as pessoas foram vendo que era melhor aí foram se desligando e foi ficando um pouco esquecido... Nossos antepassados, meus avôs, meus tios. Antonio de Raimunda, o pai dele, os tios dele, tudo era pescador, só que parou. A gente que tá tentando resgatar agora de uns tempos pra cá. Porque hoje quem vive no sertão, no interior, ele muitas vezes tá exercendo uma atividade aí outra ali que tá dando resultado tem que pegar, pra complementar (Membro da comunidade Cruz dos Riachos, 2013).

Os antepassados da comunidade eram pescadores profissionais e todos pescavam no rio São Francisco e nos açudes da região. Contudo, atualmente, o rio São Francisco já não é mais como antes e eles relatam que os locais onde pescavam já estão assoreados e difíceis de conseguir o pescado.



Figura 5: Membro da comunidade quilombola Cruz dos Riachos e seus apetrechos de pesca.
Fonte: segundo autor.



Figura 6: Barco de pesca na comunidade Cruz dos Riachos.
Fonte: segundo autor.

Antes a gente chegava numa casa assim, tava as cordas de peixe pendurava... agora a gente nem tá podendo pescar também na represa do rio (São Francisco). Aquela água lá pertinho da ponte, tá cheia de capim, tá tudo coberto. Tem tucunaré, cumatá, só que você não consegue jogar uma rede, nem uma tarrafa (membro da comunidade Cruz dos Riachos, 2013).

Na comunidade quilombola de Águas do Velho Chico, em Orocó, sempre houve a prática da pesca se utilizando de tarrafa, anzol e muitas vezes com a própria mão, como é o caso da pesca do peixe chamado Cari. Os peixes mais comuns na região e citadas pelos membros do quilombo foram: Tucunaré; Piau; Pirá; Pacu; Bufão; Peixe-cari; Cumatá; Traíra; Piranha; Cari; Cangati; Sardinha; Tabarana; Mandim; Surubim; Tambaqui; Caribã; Tucunaré; Surubim; surubim pintado; Dourado, cananã, mantricham, etc. Em todo território quilombola sempre há pessoas que pescam para consumo familiar, mas é difícil encontrar pessoas que pratiquem a pesca artesanal como único meio de obtenção de renda.

Em Remanso, uma quilombola de Águas do Velho Chico lembra que desde pequena saía para pescar com seu pai:

Meu pai não tinha filho homem só era mulher e nós duas ia mais ele. Uma sentava no piloto e a outra na proa e papai saia. E eu fiquei pescando no lugar dele e ate quando me casei ainda continuei pescando. Aqui todo mundo pescava no Remanso, eu saia daqui ate na baixa funda tarrafeando.

Em virtude das obras das hidrelétricas e da recente Transposição do Rio São Francisco muitas espécies de peixe deixaram de existir na região, causando assim uma perda significativa na alimentação dos moradores da região, que relatam a pesca como uma das antigas principais atividades da região. Como nos relatou um membro da comunidade quilombola de Águas do Velho Chico:

Pescava, quando tava precisando de um peixinho assim aí ia no rio e era ligeiro, num instante pegava peixe... nesse tempo era bom de peixe. Agora tá mais ruim. Tinha Piau, pacu, cari, dourado, mandim, surubim... era bom de peixe. Depois da barragem (sobradinho) aí ficou ruim, o peixe foi fugindo, fugindo... ficavam lá no pé da barragem, mas não tinha condição de subir naquelas comporta.



Figuras 7 e 8:
Barco de pesca e pescador quilombola de Águas do Velho Chico.
Fonte: segundo autor.

Muitas famílias do Quilombo Águas do Velho Chico tem investido e praticado a piscicultura, com cultivo de espécies de tilápia, tambaqui e carpa. Na comunidade da Mata de São José e, sobretudo, em Vitorino é possível encontrar diversos tanques de criação de peixes.



Figuras 9 e 10: Tanques de Piscicultura (criação de peixes) no quilombo Águas do Velho Chico. Fonte: segundo autor.

Atualmente está em curso na região o projeto da transposição do rio São Francisco, de responsabilidade do Ministério da Integração Nacional (MIN) e denominado: Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional.

O município de Cabrobó está em Área de Influência Direta (AID), inserido no Eixo Norte, assim como os municípios de Terra Nova, Verdejante e Salgueiro, em Pernambuco, e de Penaforte e Jati, no Ceará. Contudo, observa-se que no EIA/RIMA (MI, 2004) do projeto da transposição do rio São Francisco que durante os estudos iniciais feitos não há nenhuma citação sobre os impactos da obra na vida das comunidades quilombolas do município de Cabrobó.

Contudo, é importante ressaltar que mesmo antes da Transposição do São Francisco as comunidades ribeirinhas já sofriam com a diminuição dos pescados em decorrência da construção da barragem de Sobradinho, inaugurada em 1979, a maior em volume de lago do mundo na época. Muitos membros da comunidade quilombola de Cruz dos Riachos, em Cabrobó relataram que antigamente plantavam nas áreas de várzea do rio São Francisco e que antes da barragem de Sobradinho era feito também o cultivo de arroz entre outras colheitas:

Quando o rio dava repique ele molhava tudo a vazante, e quando ele molhava era hora de todo mundo estar com sua maniva e sua rama de batata, tinha os pezinho de abóbora o jerimum na beira do rio, quando o rio dava outra repiquetada de novo, era época de junho, julho por aí, aí quando ele voltava era hora de fazer a colheita, pra mandioca não encher d'água, já tava bonita. Aí todo mundo tirava aquela mandioca todinha, ia lá para casa de farinha, ou então juntava aquele monte de mulher a noite ali raspando mandioca na faca e os homem ali na roda, girando pra ceva a mandioca pra fazer a farinha, o polvilho como chama o paraense, aqui chama a massa, aqui todo mundo era uma semana, duas, fabricava sacas e sacas de farinha, a borra de mandioca dava um beiju gostoso, eu comi tanta farinha aqui (membro da comunidade Cruz dos Riachos, 2013).

Mas depois que a barragem de Sobradinho entrou em funcionamento, esta provocou mudanças na atividade econômica na região em função das oscilações do nível do rio entre o período de cheias e vazantes, o que interferiu na exploração da rizicultura e na procriação dos peixes. As práticas produtivas da comunidade de Cruz dos Riachos foram seriamente alteradas e a comunidade foi perdendo o hábito da pesca e da rizicultura, em razão da seca e da falta das enchentes dos rios.

Posteriormente, com a construção da barragem de Xingó, pela falta de carreamento de sedimentos, a situação da ictiofauna agravou-se, praticamente extinguindo a pesca como atividade econômica sustentável. O assoreamento do rio São Francisco aumentou e hoje as tradicionais áreas propícias para pesca no trecho do rio São Francisco próximo à comunidade já não existem mais. Pois, o efeito degradante produzido pelos barramentos do setor elétrico interfere na mudança nos processos de sedimentação, de erosão nas margens, de redução das cheias, de alterações na foz e até na modificação da sua forma em alguns trechos do rio. Todos esses efeitos comprometem a vida dos peixes e refletem negativamente na atividade da pesca.

A barragem de Sobradinho também causou grande transtorno na população de Águas do Velho Chico, em Orocó. Todos os quilombolas mais antigos lembram-se da grande cheia de 79. Segundo Antonieta: *com a cheia de 79, muitas pessoas foram para Caatinginha porque passaram muitos dias tudo alagado.*

A população da Mata de São José teve que se mudar para Caatinginha porque a cheia de 79 (com a inauguração de Sobradinho) durou muitos meses. Muitas dessas pessoas acabaram não retornando mais e permaneceram morando na Caatinginha por medo de perder seus pertences de novo.

Esse acontecimento (Inauguração de Sobradinho) também causou uma perda significativa na garantia da segurança alimentar do quilombo, pois teve um impacto negativo no fluxo de peixes do São Francisco e na produção agrícola que era feita nas vazantes do rio.

No inverno o rio enchia e quando baixava você plantava e aquela planta saía e o rio não vinha mais, mas depois dessa barragem aí ficou controlado por essa barragem e aí a água vinha aumentava e diminuía, aí descontrolou.

Tinha muitos peixes aqui, antigamente, mas depois dessas barragens (Sobradinho e Itaparica), aí os peixes também desapareceram (membro da comunidade Águas do Velho Chico).

Quando a barragem de Sobradinho entrou em funcionamento, esta provocou mudanças na atividade econômica na região em função das oscilações do nível do rio entre o período de cheias e vazantes, o que interferiu na exploração da rizicultura e na procriação dos peixes. As práticas produtivas dos membros do quilombo Águas do Velho Chico foram seriamente alteradas e a comunidade foi perdendo o hábito da rizicultura e outros cultivos que eram realizados nas vazantes do Rio São Francisco.

É notório o número de pesquisas⁶ que demonstram que as populações atingidas por grandes empreendimentos geralmente tem grande dificuldade de obter as mesmas

⁶SCOTT, Parry (2009); VALENCIO (2010); ZHOURI e OLIVEIRA (2010).

condições de vida que seu ambiente natural propiciava e em muitos casos os benefícios dessas obras não compensam o impacto gerado para milhares de pessoas que tradicionalmente vivem nessas áreas.

Os estudos feitos para a execução da transposição do São Francisco foram feitos de modo rápido, sem incluir estudos sobre a flora e fauna da caatinga e sem incluir as populações quilombolas – apenas os indígenas Truká foram inicialmente assistidos pelo consórcio que administra as obras da Transposição do São Francisco.

No projeto da transposição do rio São Francisco está prevista ainda as construções das barragens de Riacho Seco e de Pedra Branca que atingem diretamente muitas comunidades ribeirinhas de Pernambuco e da Bahia. Com respectivos 240 e 320 MW de potência, ambas as barragens atingem os municípios de Orocó, Cabrobó, Santa Maria da Boa Vista, Lagoa Grande e Petrolina em Pernambuco e Curaçá e Juazeiro na Bahia.

Os grandes projetos de aproveitamento hídrico são uma ameaça às comunidades ribeirinhas, que reclamam a falta de informação sobre o assunto, as arbitrariedades dos processos e se colocam claramente contra a implantação de projetos que prejudiquem seus modos de vida e cultura. No entanto, é perceptível a falta de publicidade por parte dos órgãos públicos sobre tais projetos para a região, confirmando a estratégia da desinformação como meio de evitar qualquer forma de resistência aos projetos (ACSELRAD et al., 2009).

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa analisamos distintas localidades do estado de Pernambuco na busca por comparar os problemas socioambientais vivenciados por diferentes comunidades tradicionais. No litoral sul de Pernambuco existe uma grande população pesqueira que pesca no rio, estuário e mar e, que tenta perpetuar sua cultura em meio a todas as rápidas transformações que têm atingido a região litorânea. Na mesorregião do São Francisco existem comunidades ribeirinhas que tinham a pesca artesanal como importante meio de obtenção de renda e perpetuação de sua cultura, mas que atualmente tem praticado mais as atividades agrícolas devido à falta de pescado e ao assoreamento do rio.

Nas duas áreas analisadas observa-se a existência de grandes mudanças nas dinâmicas de vida dessas comunidades. No litoral sul de Pernambuco a pesca tem se tornado, em geral, uma segunda atividade produtiva e nas localidades de Cabrobó e Orocó os impactos ambientais ao rio São Francisco produziram grandes mudanças no regime do rio, na permanência de muitas espécies de peixes e também tem dificultado a obtenção de renda unicamente a partir da atividade pesqueira.

Os objetivos dos megaprojetos em curso nessas duas localidades, certamente, não irão beneficiar as comunidades adjacentes e nem fomentar o aumento da renda dessas comunidades. Assim, diante das mudanças já presentes, essas comunidades têm procurado novas estratégias de adaptação e reafirmação de seus modos de vida, seja inserindo-se em outras práticas produtivas que são realizadas concomitantemente à pesca artesanal, seja procurando deslocar-se para outras áreas de pesca. E, sobretudo

através da participação em coletivos sociais e na busca por maiores informações sobre meios de garantir seus direitos, obter melhores condições de vida e garantir a soberania alimentar.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecilia C. do A.; BEZERRA, Gustavo das N. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 160 p.

ANA – AGENCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). **Panorama da qualidade das águas superficiais do Brasil**. Brasília: ANA, 2012. Disponível em: <http://arquivos.ana.gov.br/imprensa/publicacoes/Panorama_Qualidade_Aguas_Superficiais_BR_2012.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2015.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais – pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999. 203 p.

BEGOSSI, A. **Fishing actives and strategies at Búgios Island (Brazil)**. In: FISHERIES Resource Utilization and Policy. Athens, Greace: 1992.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approach**. 4. ed. Lanham: AltaMira Press, 2005.

CPRH. **Diagnóstico socioambiental do litoral Sul de Pernambuco**. Recife: s/e, 1999. 89 p.

DIEGUES, Antonio C.; ARRUDA, Rinaldo S. V. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. 169 p.

_____. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo, Ática, 1983. 287 p.

FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. Agricultores a agroindústrias: estratégias, adaptações e conflitos. **Reforma Agrária, Revista da Abra**, v. 25, n. 2-3, Campinas, p. 86-113, 1995.

GODELIER, Maurice. Racionalidade dos sistemas econômicos. In: CARVALHO, Edgard de Assis (Org.). **Godelier**. São Paulo: Ática, 1981. p. 37-58.

IBGE. **Censo de 2010**. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília, DF: 2011.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ed. Ática, 1986. 80 p.

_____. **Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: Annablume, 1994. 200 p.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional: Relatório de Impacto Ambiental** (Rima), jul. 2004. Disponível em: <www.mi.gov.br/saofrancisco/documentos/index>. Acesso em: 10 out. 2014.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Atlas das áreas suscetíveis à desertificação do Brasil**. Brasília, DF: 2007.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1988. 70 p. (Coleção Princípios).

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. **Revista de Antropologia–USP**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 315-352, jan./jun. 2011.

SCOTT, Parry. **Negociações e resistências persistentes: agricultores e a Barragem de Itaparica num contexto de descaso planejado**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009. 290 p.

SELVA, V. S. F.; CORDEIRO, I. D.; BEN, C. C.; PINHO, F. Ecos do turismo na comunidade de Aver-o-Mar (Sirinhaém, PE): uma reflexão partilhada para o desenvolvimento local sustentável. **Revista de Ciência, Empreendedorismo e Tecnologia**, v. 4, n. 3, p. 19-27, 2007.

SILVA, José Graziano da. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. 240 p.

SOARES, D. B. **Degradação Ambiental no Semiárido Pernambucano: contribuição ao estudo da desertificação**. 2012. 70f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA), Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

VALENCIO, Norma. Conflitos ambientais no Velho Chico: o modus operandi da desacreditação pública da pesca artesanal. In: ZHOURI, Andréa; LARSCHEFSKI, Klemens (Org.). **Desenvolvimento e conflitos ambientais**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 202-223.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. 153 p.

WOORTMANN, Klaas. Migração família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, São Paulo: ABEP, v. 7, n. 1, p. 35-53, jan./jun. 1990.

ZHOURI, Andréa e OLIVEIRA, Raquel. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processos de territorialização. In: ZHOURI, Andréa; LARSCHEFSKI, Klemens (Org.). **Desenvolvimento e conflitos ambientais**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 439-462.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA, Luclécia Cristina Morais da; CARVALHO NETO, Moisés Felix de. Problemas ambientais e Pesca Artesanal no Nordeste do Brasil. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 3, n. 2, p. 189-205, edição especial, 2015. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 26 jan. 2015.

Aprovado em: 15 abr. 2015.